

405

Ramos
RN nº 52

"O Globo" - 20.8.60

A CRÔNICA de Rubem Braga

GRACILIANO CONCRETISTA

NA pensão em que a gente morava, no Catete, a comida às vezes era fraca porque a dona, uma viúva, ia ao Cassino da Urca e perdia seu dinheiro no número da catacumba do Fleury. Mas a gente não reclamava, porque pagava pouco e com atraso.

Lembro-me de um investigador de Polícia que morava lá: presença incômoda, porque éramos quase todos gente não muito limpa na Polícia Política, a começar por Graciliano Ramos, que tinha acabado de chegar, ainda de côco rapado, da ilha Grande. Pois o "tira" procurava ser simpático e até mesmo intelectual; e uma vez, ao jantar, pediu a nossa opinião sobre Victor Hugo. O velho Graça não se fez de rogado:
— Victor Hugo? Uma bêsta!

O rapaz ficou desolado. Mas Graciliano era assim. A dona da pensão não acertava seu nome, e o chamava de Brasiliano; êle a princípio reclamava, depois se conformou, me explicando: "Eu pago tão pouco que ela pode me chamar como quiser". Mas era intransigente em outras coisas, inclusive em Victor Hugo. E sobre poesia em geral gostava de dizer: "Não leio, não entendo, sou burro, não gosto, não percebo".

Era mentira; mas de algum modo fazia parte de sua verdade. Pois agora, a propósito de uma crônica que escrevi sobre um arremêdo de poema concretista de Machado de Assis, me escreve Xavier Placer citando um trecho do grande romance "Angústia" em que Graciliano Ramos, mais de vinte anos antes da eclosão poética do concretismo no Brasil, fazia seu julgamento de maneira um tanto áspera...

Está nas páginas 6 e 7 da 2.^a edição de "Angústia":
"Em duas horas escrevo uma palavra: Marina. Depois, aproveitando letras dêste nome, arranjo coisas absurdas: ar, mar, rima, arma, ira, amar. Uns vinte nomes. Quando não consigo formar combinações novas, traço rabiscos que representam uma espada, uma lira, uma cabeça de mulher e outros disparates.

Tristeza e raiva. Ar, mar, ria, armar, ira. Passa-tempo estúpido."

estava
escrevendo
"Vidas Secas"

na tempos,
cu,

137